

O Brasil fora do armário: diversidade sexual, gênero e lutas sociais

LEONARDO NOGUEIRA, MAYSÁ PEREIRA E RAFAEL TOITIO

São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2020. 200p.

Ana Flávia Bádue*

Por que movimentos de esquerda, de onde vêm e vieram muitas ativistas LGBT no Brasil, são resistentes – se não contrários – à incorporação dessa pauta à sua agenda política? O livro *O Brasil fora do armário*, de Leonardo Nogueira, Maysa Pereira e Rafael Toitio, é uma intervenção política direta nesse debate. O livro defende que questões de gênero e sexualidade são “indivorciáveis da sociabilidade humana” (p.18) e, portanto, não podem ser excluídas ou consideradas “cortina de fumaça” (p.17) por análises sociais sobre o capitalismo, ou por movimentos de cunho socialista e popular. Pelo contrário, o ponto central do livro é apresentar de que modo tais questões estão no centro da gênese e história do capitalismo global e brasileiro.

O livro faz parte de um movimento crescente no marxismo encabeçado pelos marxismos feminista, *queer* e trans ao sugerir que, para compreender a articulação entre diferentes tipos de opressão, é preciso uma teoria capaz de apreender quais formas de opressão são fundamentais para a emergência do capitalismo. Isso não significa, em nenhuma medida, equiparar a contradição de classe às questões de gênero, sexualidade ou raça, ou ainda ignorar as últimas em proveito da primeira. O livro nos ensina, ainda que de forma introdutória, que precisamos de uma

* Doutoranda em Antropologia no The Graduate Center, City University of New York. E-mail: anabadue@gmail.com

teoria do capitalismo que nos permita acessar suas condições de possibilidade. Ou seja, não se trata de somar gênero, sexualidade e classe, mas de compreender as dinâmicas do capitalismo na formação dessas categorias que organizam nossa vida em sociedade.

Para arquitetar uma análise do capitalismo como fundado nas e fundante das relações de gênero, sexualidade, raça e classe, o livro vai de uma discussão sobre a ontologia do ser social até um panorama sobre as múltiplas camadas de violência e opressão exercidas sobre pessoas LGBT no Brasil. A perspectiva ontológica permite aos autores chegarem a uma espécie de gênese do nexo entre as contradições de classe, de gênero e de sexualidade. Os autores defendem que as sociedades capitalistas se organizam em torno de uma divisão do trabalho historicamente pautada pela separação e hierarquização entre homens e mulheres. Essa divisão do trabalho é a base do regime de propriedade privada, que prevê a distribuição da riqueza social de acordo com as leis do capital.

A família patriarcal, organizada em torno da heterossexualização e da inscrição de categorias binárias de gêneros a seus membros, é central para a reprodução da propriedade privada, pois ela regula o direito de herança e o acesso ao mais-trabalho espoliado de trabalhadoras e trabalhadores. Além disso, esse modelo de família se espalha normativamente no tecido social e faz com que a esfera doméstica, socialmente atribuída às mulheres, seja espaço de reprodução da classe trabalhadora. Partindo dessa discussão, o livro nos permite entender que gênero e sexualidade não dizem respeito a identidades individuais, e sim ao enquadramento de sujeitos, desejos e relações dentro de categorias específicas que fazem funcionar e azeitam a (re)produção do capitalismo. Vale lembrar que os autores não defendem o patriarcado como fruto do capitalismo, e sim enfatizam que o capitalismo “apenas se organizou e se formou potencializando e criando formas de relação patriarcal, como condição imprescindível para sua consolidação” (p.41).

Tal organização e potencialização do patriarcado é histórica e, para explorar essa dimensão, os autores se pautam em Michel Foucault e Jeffrey Weeks, jogando luz à gênese das técnicas de poder que se erigiram em torno da sexualidade na Europa ocidental. A expansão das formações estatais por meio do imperialismo, os processos de modernização e a ascensão do comércio em escala mundial domaram corpos, designaram identidades a eles, inscreveram desejos em órgãos biológicos, normatizaram a heterossexualidade e a cisgeneridade, criando uma classe explorável dócil para produzir e reproduzir mercadorias.

No Brasil, a formação social não é diferente, mas os autores nos lembram que a literatura sobre a história da sexualidade nos países do Norte Global deixou questões raciais fora da análise. A partir de autores clássicos do pensamento social brasileiro, como Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Clóvis Moura, o livro aponta para uma noção de patriarcalismo racializada: a família heterossexual branca escravocrata está no cerne da formação de um país cuja riqueza é produzida por pessoas negras violentamente escravizadas, apropriada por aquelas famílias

e enviada como matéria-prima pilhada para as economias europeias. O fim da escravidão não imprimiu grandes mudanças na sociedade brasileira, completam os autores, pois estruturalmente as relações de classe se mantêm profundamente calcadas na organização patriarcal e racista que dita as relações de trabalho e todas as demais esferas da vida social.

O capitalismo, contudo, não se impõe, cria e recria formas de organização social e de inscrição de identidades nos sujeitos sem a emergência de recusas e estranhamentos. Os autores dedicam parte de sua análise às lutas LGBT no Brasil e no mundo para mostrar as articulações desses movimentos com outras lutas subalternas. Um dos pontos decisivos do livro é seu posicionamento em relação às incessantes críticas vindas de muitas alas da esquerda às pautas LGBT, tidas como identitárias. Se, por um lado, as identidades políticas ligadas a gênero e sexualidade são históricas (“a identidade homossexual foi criada aos poucos, de forma que cada vez mais indivíduos passaram a considerar o desejo sexual na organização de suas vidas e identidades individuais”, p.128), por outro, a mobilização em torno dessas identidades não faz com que esses movimentos sejam necessariamente identitários.

O caso dos movimentos brasileiros nos anos 1980 ilustra esse ponto. As mobilizações originalmente voltadas para os direitos homossexuais também combatiam a ditadura militar e tinham profundo diálogo com a militância socialista e anarquista. A partir dos anos 1990, a abertura de canais de diálogo por parte do Estado brasileiro provocou uma reconfiguração da militância, que passou a se voltar para a ação institucional, ligada à garantia de direitos civis e contra a discriminação e a violência. Essa história recente nos lembra que, embora os movimentos LGBT tenham passado por um momento de institucionalização e se concentrado na conformação política de identidades de gênero e sexualidade, suas pautas nem sempre foram e não precisam, necessariamente, ser identitárias.

Os autores encerram o livro chamando os movimentos LGBT a se reorganizarem ante o avanço da extrema direita no Brasil, mas sobretudo incitando as lutas populares a elaborarem maneiras de incorporar as pautas LGBT. Para responder aos horrores de uma sociedade que mata milhares de transexuais e travestis por ano, que produz escolas em que jovens LGBT se sentem inseguros, que provoca assédio em ambientes de trabalho e naturaliza desigualdades econômicas entre gêneros, os movimentos que pretendem superar o modo de produção capitalista precisam encontrar maneiras de articular todas essas formas de opressão.

O Brasil fora do armário é, portanto, um convite e uma introdução para entendermos de que modo as questões de gênero e sexualidade são, sempre e já, questões relativas à fundação e ao funcionamento do capitalismo. Em vez de tratar opressões de gênero e sexualidade como secundárias ou epifenomenais, o livro introduz um conjunto de referências, ideias, questões, conceitos e teorias para que possamos apreender como gênero, raça, classe, sexualidade e tantas outras questões que foram tidas como identitárias são, na verdade, parte do processo de produção, reprodução e expansão da acumulação de capital.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

DOSSIÊ "MARX DUZENTOS ANOS"

Relendo os *Grundrisse*

João Quartim e Pedro Leão

Os partidos políticos na Grã-Bretanha

Karl Marx

ARTIGOS

Criptomoedas

Paulo Nakatani e Gustavo Moura

Estatismo autoritário: Agamben e Poulantzas

Christos Boukalas

Burguesia interna e capitalismo dependente

Danilo Martuscelli

47